

# **CONSTRUTOS PESSOAIS**

## **Uma Variável do Processo Terapêutico**

**Wolber de Alvarenga**

O meu objetivo ao iniciar esse trabalho era dizer das mudanças que ocorrem nos construtos pessoais através do Processo Terapêutico Centrado no Cliente. Contudo, julguei por bem falar de algumas preocupações minhas muito ligadas a esse processo de mudança. Devo esclarecer que talvez eu tivesse me sentido atraído por esse tema exatamente por causa delas.

Desde algum tempo atrás eu vinha me preocupando com determinados aspectos das representações teóricas dentro da psicologia. As minhas preocupações não estavam nitidamente definidas, mas me pareciam ter uma certa direção. Referiam-se de modo mais ou menos vago, à “formação de conceitos”, tanto na ciência como no homem comum, e sua influência no comportamento, tanto de um como de outro.

Posso dizer que essa preocupação se tornou mais acentuada em mim à medida em que eu fui tomando conhecimento do texto de Klewin (3), principalmente um artigo seu - “Conflito entre o modo de pensar Aristotélico e Galileico” - do qual extraí alguma coisa para dizer aqui. Paralelo a isto eu vinha sentindo uma série de modificações em meu modo de pensar, à medida que estudava Lewin ou metodologia científica de modo geral. Eu sentia que o conhecimento da metodologia servia para dirigir o meu comportamento não só no campo científico como também no que se referia às minhas relações com os outros e nas soluções de meus próprios problemas. Aquilo me intrigava. Eu sabia que estava me modificando e sabia que, em grande parte, minha modificação se dava em função daqueles conhecimentos, mas existia alguma coisa que não estava muito clara para mim. Depois de fazer um trabalho de estágio sobre formação de conceitos o meu interesse sobre o assunto aumentou. Isso se deu por volta do meu segundo ano de curso. Depois, ainda nessa época, eu tive a oportunidade de ler um capítulo de Hayakawa, que discutia a influência das palavras no nosso comportamento.

A lembrança do artigo que ficou, se refere a algo mais ou menos assim: a influência das palavras no nosso comportamento é tanta, que muitas vezes elas chegam a funcionar como qualquer outro objeto no mundo físico capaz de influenciar o nosso comportamento. Mais tarde, eu lendo um capítulo de Rogers sobre a formação do Psicoterapeuta, pude notar que ele dizia algo semelhante ao

que vinha pensando. Transcrevo aqui parte do trecho que me pareceu mais importante.

“Para a pessoa que experimentou um enfoque científico dos problemas, a perda de alguma parte do que considerou como verdadeiro não é uma catástrofe, visto que tem instrumentos para descobrir verdades novas e mais significativas”. ROGERS (5)

Passou-se algum tempo e as coisas ainda continuavam meio obscuras para mim. Até que um dia, assistindo uma aula na Faculdade de Medicina, sobre formação de conceitos, eu vi uns slides tirados de um livro de um autor que segue a corrente da “Semântica” cujos pontos de vista mais importantes explorei mais tarde. Mandei reproduzir os slides e discuti sobre eles com alguns grupos com os quais trabalhei e com alguns colegas.

Mais recentemente, estudando “pensamento”, pude observar grande influência das palavras no modo de pensar dos povos, assim como no seu comportamento.

Ultimamente essas coisas todas estavam equacionadas para mim, mais ou menos, da seguinte forma:

- 1º) Tanto o homem comum como a ciência formulam conceitos sobre a realidade.
- 2º) Uma vez formulados esses conceitos, tanto o homem como a ciência se baseiam neles para pensar, adquirir novos conhecimentos, para se comunicar, etc.
- 3º) Se esses conceitos, ou mapas verbais, não representam adequadamente a realidade do indivíduo ou o objeto da ciência, tanto um como outro podem ocorrer em erros, que às vezes são nocivos tanto ao indivíduo como ao conhecimento científico.

Agora, voltando a estudar Rogers, um capítulo sobre o processo terapêutico, encontrei uma parte em que ele se referia àquele processo de modo semelhante aos autores da Semântica e que vinha muito a calhar com as minhas preocupações.

Em suma, Lewin nos dizia da necessidade de se estabelecer conceitos funcionais. Os seguidores da Semântica geral nos diziam das

dificuldades de se estabelecer conceitos capazes de representar adequadamente a nossa realidade e, finalmente, Rogers nos dizia das mudanças que ocorrem nos conceitos durante o processo terapêutico. Vamos ver resumidamente como cada um expõe suas idéias.

Apresentarei primeiro a parte do texto de Lewin, depois os princípios da semântica, e em seguida o texto de Rogers.

## **LEWIN**

Sobre a formação de conceitos na ciência, Lewin nos diz o seguinte:

A oposição mais marcante entre a física moderna pós-galileica e a física Aristotélica influenciou sobremaneira o ideal científico da psicologia. Segundo esta concepção a diferença mais considerável reside na característica antropomórfica e imprecisa dos conceitos da física de Aristóteles, em oposição à física moderna, que é caracterizada por sua precisão quantitativa. Houve uma substituição das explicações antropomórficas por outras de relações funcionais puramente matemáticas.

Os conceitos são instrumentos de compreensão do mundo e a maioria dos conceitos aristotélicos são considerados normativos por excelência. Seus conceitos se situam na fronteira dos julgamentos de valores e dos julgamentos de realidade. O modo de classificação normativo toma um papel extraordinariamente relevante na física medieval. Ele reúne fenômenos cuja relação é insignificante e separa outros que objetivamente estão ligados. Do mesmo modo a psicologia fala de “erros de criança”, de “hábitos”, de “esquecimentos”, ajuntando assim grupos de processos a partir do valor de seus resultados em lugar de fazer a partir da natureza dos processos mentais em que eles estão implicados.

Para a física de Aristóteles, o fato de um objeto pertencer a uma classe dada era de uma importância capital porque a classe definiria o objeto, determinando assim o seu comportamento de um ponto de vista que é, por sua vez, positivo ou negativo.

Esta classificação freqüentemente tomava a forma de pares opostos, tais como frio e calor, seco e úmido. Comparada a classificação atual ela

apresenta uma característica rígida e absoluta. Na física quantitativa moderna, as classificações dicotômicas foram substituídas por gradações contínuas: OS CONCEITOS DE SUBSTÂNCIA FORAM SUBSTITUÍDOS POR CONCEITOS FUNCIONAIS.

Ainda aqui, podemos encontrar analogias com o desenvolvimento da psicologia contemporânea. A distinção entre inteligência, memória e afetividade tem todas as características da classificação Aristotélica. Em certos domínios a análise dos sentimentos (prazer e desprazer), de temperamentos ou de condutas, as classificações dicotômicas desse tipo são ainda hoje de grande importância. Mas estas classificações perderão gradualmente sua importância e cederão lugar a uma concepção que se esforça em tirar leis idênticas para os diversos campos e classificar um domínio dentro de um conjunto, segundo relações essencialmente funcionais.

Em suma, para Lewin, as classes de Aristóteles são definidas abstratamente como a totalidade de características comuns a um grupo de objetos. Para Aristóteles, é do domínio da lei, e então conceptualmente inteligível, o que se produz sem exceção, e a sua classificação era feita pelos fenótipos. A órbita desse planeta a queda de uma pedra, o movimento dos corpos sobre um plano inclinado, a oscilação de um pêndulo, seriam classificados em classes diferentes, embora eles sejam simplesmente manifestações diferentes de uma mesma lei.

Na física pós-galileica, a perspectiva é determinada pela idéia de uma compreensão unitária da totalidade do universo. A mesma lei deve governar o curso das estrelas, a queda das pedras e o vôo das aves. Esta homogeneização do mundo físico ao nível da validade da lei suprime a divisão dos objetos em classes rígidas, abstratamente definidas.

## **SEMÂNTICA GERAL**

A perspectiva dos seguintes da semântica é semelhante à perspectiva galileica. Eles enfatizam, antes de tudo, a dificuldade de se formular conceitos que representem adequadamente a nossa realidade, isto porque:

- 1º) Ninguém sabe tudo sobre qualquer assunto e um único fato pode nos forçar a fazer uma revisão de nossos mapas verbais. Este princípio nos faz lembrar de nosso conhecimento limitado e nos ajuda a manter a nossa mente aberta à evidência dos fatos.
- 2º) A maioria das coisas neste mundo não são só brancas, ou só pretas, elas são graduadas, de tudo até nada, de zero a 100%. Nosso hábito de pensamento do tipo: “ou isso ou aquilo”, freqüentemente nos faz enganar. Este princípio nos recorda a natureza gradual das coisas, faz nos observar o território para descobrir até que ponto as coisas têm as características que imaginamos.
- 3º) O que sentimos a respeito das coisas depende de nossa própria hereditariedade particular, treinamento, experiências e interesses pessoais. Cada um de nós tem sua dose de lateralidade mental. Este princípio nos recorda que ninguém vê as coisas de todos os pontos de vista. Nos mostra que quando fazemos um julgamento estamos falando de nossos próprios gostos e padrões tanto quanto falamos das coisas fora de nós.
- 4º) Duas coisas não são idênticas neste mundo, em todos os sentidos. Nós freqüentemente erramos, supondo que todas as coisas chamadas pelo mesmo nome são ou atuarão do mesmo modo. Os líderes numéricos nos recordam que podemos estar enganados por grupos de palavras ou médias. Eles nos ajudam a observar as diferenças que fazem a diferença.
- 5º) Vivemos em um mundo em processo, em que todas as coisas estão mudando. Os fatos de ontem podem ser as ficções de hoje. O índice temporal nos recorda que esta era a maneira como as coisas eram quando o território foi observado, e que a marcha do tempo pode ter tornado os nossos mapas verbais ultrapassados.
- 6º) Qualquer coisa ou pessoa particular pode agir de forma diferente quando em circunstâncias novas. Nada existe isoladamente, tudo é afetado pelas condições ambientais. O índice de lugar nos recorda o fato de tomarmos cuidado com as mudanças de comportamento, quando o homem ou coisa são colocados em ambientes diferentes.

## **ALGUNS ASPECTOS DO PROCESSO TERAPÊUTICO E SUA RELAÇÃO COM O PENSAMENTO GALILEICO NA PSICOLOGIA**

Discutindo sobre o processo terapêutico, Rogers adota um ponto de vista da semântica para explicar as mudanças ocorridas nos conceitos de um cliente após a psicoterapia. Diz ele: Tomemos a cliente que expressou ao princípio da terapia esta atitude: “Minha mãe é uma cachorra”. Durante a terapia, começa a perceber de uma maneira diferenciadas as “distintas” experiências com a mãe. Sua mãe a rechaçou quando pequena, porém ocasionalmente era indulgente com ela; sua mãe tem boas intenções, tem sentido de humor, não é bem educada de sua filha, tem um temperamento violento e irracional, deseja intensamente estar orgulhosa de sua filha. A relação com sua mãe na infância é “EXAMINADA E DIFERENCIADA” da relação atual com ela.

À medida que prossegue este processo à generalização extrema: “Mamãe é uma cachorra e possivelmente eu não poderei me entender com ela”, parece muito inadequada para expressar os fatos complexos da experiência primária.

Este processo pode ser observado em quase todos os clientes. Substituem generalizações que resultam insatisfatórias para orientar sua vida, para um exame das ricas experiências primárias em que elas se basearam, mudanças que revela a falsidade de muitas de suas generalizações, e proporciona uma base para novas generalizações mais adequadas. Habitualmente se encontram em processo de formular novos guias para si mesmo quando concluem a psicoterapia. Certamente, se a terapia teve êxito real, e também se há internalizado o desejo de construí-las mais próximas da experiência direta, particularmente quando os guias que foram utilizados na vida demonstram ser questionáveis... Podemos dizer que o cliente está vivendo em um mapa. Na terapia descobre-se, antes de tudo, que o mapa não é o território; que o território da experiência é muito diferente e muito mais complexo. Também se descobre que, ainda como mapa, o seu continua cheio de erros graves. A terapia o proporciona uma oportunidade resguardada de descer do elevado nível de abstração do seu mapa e explorar o território da experiência primária.

No momento em que se está construindo um novo mapa, e tem consciência de que é somente um mapa, e não a própria experiência, a terapia pode terminar...

Podemos dizer que o cliente reduz a qualidade intencional de suas reações, sua tendência a considerar a experiência em termos absolutos e incondicionais, a generalizar em excesso, a estar dominado por concepções ou crenças, a fracassar em situar suas reações no espaço e no tempo, a confundir os fatos com sua avaliação, a confiar em idéias mais do que na realidade, e a avançar a um tipo de razão mais extensional. Isto pode definir-se como a tendência a perceber as coisas em termos limitados, diferenciados, e ter consciência da posição têmporo-especial dos fatos, a estarem dominados por fatos e não por conceitos, a avaliar de maneiras múltiplas, a ter consciência de

diferentes níveis de abstração e a provar suas inferências e abstrações na realidade, na medida do possível.

## **SUPOSIÇÕES**

Depois de experimentar tudo isto, eu pude formular mais claramente o que segue:

1. A psicoterapia leva o indivíduo a uma dúvida metódica semelhante, àquela que a metodologia científica preconiza.
2. Muitas vezes os nossos sistemas de valores e de símbolos interferem ou mesmo modificam a nossa percepção ou representação do que experimentamos. Acho que isso pode ocorrer no campo científico como no caso individual.
3. Uma consciência maior dessas limitações pode levar-nos a uma posição de dúvida na validade de nossas representações, forçando-nos a testá-los e retestá-los nos dados advindos da experiência. Essa é uma norma da ciência e parece-me ser também um valor que o indivíduo adquire após um processo terapêutico bem sucedido.

Finalizando, podemos dizer que as palavras, muitas vezes, não nos permitem recordar a natureza gradual dos eventos, fazendo com que pensemos neles como entidades estáticas e imutáveis e possuidores de características que são imanentes aos próprios eventos. Em outras palavras, a palavra não nos permite situar os eventos no espaço e no tempo de forma a considerar todas as propriedades das condições nas quais um determinado evento ocorreu. Daí a grande ênfase dos autores da metodologia científica, principalmente Lewin, no estabelecimento de conceitos funcionais que possam estabelecer a identificação e as relações entre os fenômenos.

Através do processo terapêutico, como o próprio Rogers assinala, a percepção da relacionalidade se torna evidente. O indivíduo passa a diferenciar e relacionar suas experiências mediante a percepção de si mesmo como um todo unificado.

Ele aprende que ele próprio e suas experiências existem dentro de um contexto, surgindo na sua relação com o mundo, e que somente este contexto pode dar o significado a suas experiências.

Além disso, a situação livre ameaças que ocorre na terapia permite ao indivíduo explorar e descobrir as incongruências existentes entre seu mapa e sua experiência. A partir daí, ele pode formular um novo mapa, cujas representações são mantidas em forma de tentativas, podendo ser reformuladas ou mesmo substituídas por outras mais adequadas cujo significado é extraído das experiências organísmicas.

Desta forma, podemos dizer que tanto através de um processo terapêutico, como através da metodologia científica, nós caminhamos de um pensamento Aristotélico rígido a um pensamento Galileico mais flexível. Quero deixar claro que isto são suposições apenas, pois carecemos de definições mais detalhadas e dados que corroborem tais estabelecimentos.

Contudo, algumas tentativas tem sido feitas no sentido de identificar esse movimento no processo terapêutico. Recentemente, numa pesquisa realizada por Rogers e colaboradores (5), uma escala foi desenvolvida para medir as mudanças que ocorrem nos construtos do cliente durante o processo terapêutico. Essa escala foi elaborada por TOMLINSON (7), e tenta detectar, através das verbatizações do cliente, a organização e as mudanças que ocorrem em seu sistema conceptual.

## **A ESCALA**

Esta escala consta de sete estágios diferentes, através dos quais o cliente evolui durante o processo. Estes estágios são os seguintes:

### **ESTÁGIO 1**

A natureza da comunicação do cliente é tal que nenhum construto (atitudes, crenças, etc.) acerca quer de si mesmo, dos outros, ou das situações externas, é relatado. A verbatização do cliente é banal, vulgar e irrelevante; por exemplo: ele fala sobre o tempo, baseball, etc., mas nada de natureza pessoalmente significativa. As atitudes expressadas são inconseqüentes na determinação da natureza de seu sistema de construtos.

O cliente dá a impressão de que não pode, ou não quer, mostrar suas crenças, atitudes, idéias, etc., ao terapeuta.

### **Indicações**

1. Muito silêncio nem precedido ou seguido por comunicações pessoalmente significativas acerca das atitudes, etc.



2. Atitudes inconseqüentes são expressadas aparentando através delas que existe pouco auto-envolvimento. Os problemas discutidos não tem nada a ver com a presente posição do cliente. Por exemplo: tempo, baseball, carros, a qualidade da alimentação do hospital, etc.

3. Todo conteúdo da comunicação do cliente sugere que ele está simplesmente tentando passar o tempo e não tem a intenção de expressar sentimentos, mas sim de expressar problemas superficiais e insignificantes.

## **ESTÁGIO 2**

Os construtos pessoais são extremamente rígidos, irreconhecíveis como construtos, e vistos como fatos externos.

O indivíduo parece inconsciente de que o significado de sua experiência vem de si mesmo, e não está necessariamente inerente à situação. Para ele, o significado das situações externas são fatos, e não experiências sujeitas a diferentes interpretações.

### **Indicações**

1. As proposições, particularmente aquelas que expressam julgamentos de “valor”, são feitas em termos globais, indiferenciados e absolutos.

2. A maioria dos construtos expressados se referem a situações externas. Raramente os construtos acerca de si mesmo são verbalizados. Às vezes o indivíduo faz proposições em que ele tenta, de um modo remotamente subjetivo, caracterizar a si mesmo ou a sua vida: aquelas proposições parecem ter como objetivo colocar o indivíduo num contexto em que ele possa ser definido em termos externos tais como tempo histórico, lugar geográfico e valores morais absolutos.

3. O indivíduo parece colocar a si mesmo a parte da situação externa. Ele expressa de um modo rígido e falha em perceber a conexão existente entre ele e a situação, onde suas atitudes é que definiram a situação, e não qualquer característica inerente à situação.

4. As interpretações dos acontecimentos externos são colocados em termos de branco e preto. As coisas não podem ou não poderiam ser interpretadas diferentemente porque elas são exatamente daquela maneira.

### **ESTÁGIO 3**

Os construtos pessoais são ainda extremamente rígidos, mas as construções pessoais dos eventos externos agora incluem algumas referências de si mesmo. Sua fala não está confinada somente às situações externas, mas podem envolver também os efeitos que as situações externas produzem nele e pode contar, em detalhes, suas respostas àquelas situações externas.

#### **Indicações**

1. O cliente pode aparecer justificando sua posição. Ele se apresenta defendendo sua percepção do meio e suas reações a ele. Ao fazer isto pode requerer a ajuda do terapeuta. Por exemplo: pedindo ao terapeuta que confirme sua percepção de sua experiência.

2. O cliente pode aparecer se apegando aos seus construtos para poder se sair bem. A qualidade da sua verbatização é tal que sugere que o cliente está dizendo de fato é, “esta (a maneira como eu vejo as coisas) tem de ser a correta”, embora ainda que de um modo não conhecido ou não aceito, mas um nível implicitamente evidente, ele pareça duvidar disto.

3. O cliente pode tentar justificar sua presente posição (sistema de construtos), descrevendo situações externas, atitudes de outras pessoas, comportamentos, etc., que são iguais aos seus. Desta forma, ele parece querer dizer ao terapeuta: “Como você vê, eles também fazem isto e se o comportamento de outras pessoas é igual ao meu ele deve estar correto”. O cliente enumera aqueles comportamentos externos como suporte para suas interpretações da experiência, sem considerar o contexto de sua presente situação e a maneira em que ela pode, conseqüentemente, diferir de suas descrições dos comportamentos dos outros. Em resumo, ele tenta encaixar outras situações e comportamentos em seu próprio sistema de construtos para prover um suporte para suas interpretações de sua experiência.

### **ESTÁGIO 4**

Os construtos pessoais são rígidos mas, ao mesmo tempo, o cliente indicará verbalmente, ou em sua abordagem da experiência, que ele reconhece a possibilidade de que sua percepção pode não ser ou não foi correta.

Ocasionalmente ele pode verbalmente, ou em sua maneira de compreender sua experiência, questionar a validade de um construto. A maneira que ele usa para questionar é mais o reconhecimento de um possível erro na

interpretação da experiência que uma admissão da possibilidade de que diferentes abordagens pudessem ser elaboradas.

### **Indicações**

1. A medida que o cliente reconsidera seu comportamento ele tem a impressão de que está começando a ver como ele construiu suas experiências através de seus próprios olhos, mais do que através de uma aceitação cega dos eventos ou situações como fatos externos que não tem nenhuma relação com ele.

2. Aqui as verbatizações tem mais um caráter de “explamação” do comportamento. Ele não mais tenta justificar seu comportamento, à medida que está procurando ajudar a si mesmo e que o terapeuta compreende como ele viu ou vê as coisas.

3. Há um sentimento geral de insatisfação, com suas interpretações da experiência.

4. Ele pode identificar maneiras características de comportar em diferentes situações. Por exemplo: “Eu precisava me punir”, ou “Eu era sempre um pacificador”. As maneiras de comportamento acima citadas são globais e indiferenciadas, mas diferem dos comportamentos do estágio 2, uma vez que eles são construtos acerca do “self”, não externos.

### **ESTÁGIO 5**

Há um começo de expressão de construtos pessoais. É descoberto com alguma frequência que a experiência foi construída como tendo um certo significado, mas que este significado não é inerente, absoluto, nem extremamente válido em todas as ocasiões. Há um questionamento da validade de alguns construtos atuais, organizações da experiência, significados e sentimentos.

### **Indicações**

1. Progressivamente, há uma discussão de auto-construtos específicos mais que globais, como encontrados nos estágios 2 e 3. Por exemplo: dentro do construto “Eu precisava me punir”, o cliente entra em detalhes sobre comportamentos específicos e maneiras específicas em que ele via as coisas, e começa a se perguntar porque assim o fazia.

2. As verbatizações do cliente sugerem que ele está bastante consciente da maneira através da qual ele construiu sua experiência. O fator significativo é sua consciência da inapropriação de sua maneira de encarar suas experiências. Por exemplo: seu questionamento da validade de sua interpretação, dos eventos que compõem a experiência.

3. Este estágio pode ser caracterizado como aquele no qual o cliente reinterpreta sua experiência, mas não reformula. Ele expressa sua consciência de que ele viu as coisas de um certo modo e é consciente de que sua experiência poderia ter sido interpretada diferentemente, mas ele não está seguro de como fazer isso. Ele está num processo de abandonar os velhos construtos, mais ainda não tem os substitutos diferentes e mais apropriados.

## **ESTÁGIO 6**

Existe um *continuum* mais ou menos flexível de construtos; à medida que o cliente supõe que muitos construtos lhe pareçam ser guias sólidos, são somente maneiras de construir uma experiência momentânea. A diferença entre este estágio e o 5 é que acrescentada a esse continuum flexível de construtos há uma tentativa de construir novos construtos.

O cliente reconhece que aquelas novas maneiras de construir as experiências são as mais apropriadas, realísticas, etc., maneiras de representar a si mesmo e os eventos.

### **Indicação**

1. Aqui o cliente é clara e freqüentemente capaz de observar o contraste entre seus construtos passados e seus novos, e sua diferente maneira de interpretar sua experiência. Ele parece ter descoberto que ele não tem de comportar de uma certa maneira, que existem interpretações alternativas para cada experiência e ele está nitidamente consciente das diferenças entre seus construtos do passado e do presente. Além disso, ele é capaz de descrever as alternativas. Ele não somente questiona a validade como também antevê as possibilidades de mudanças. Ele percebe claramente como é, o que ele pode ou poderia fazer diferentemente.

2. Os novos construtos são tentativas, como se ele estivesse temeroso em construir sua experiência de maneira acabada como fazia anteriormente. A tônica é mais ou menos do tipo: "Poderia ser assim, se eu não explorasse mais isso".

3. Freqüentemente, a dissolução dos velhos construtos provocará uma imediata insatisfação acerca deles. O cliente pode dizer alguma coisa do tipo: "Meu Deus, toda minha vida eu me comportei assim, e não era necessário". A qualidade é de

uma descoberta nova ligada a um sentimento de que é experiência que dá o significado às coisas - ela é a maneira correta de ver as coisas.

## **ESTÁGIO 7**

A experiência é construída tentativamente como tendo um certo significado, mas este significado é sempre mantido de forma provisória, e é testado e retestado mediante outras experiências.

### **Indicações**

1. O cliente parece supor ainda que aqueles novos construtos, corretos como parecem ser, devem ser mantidos tentativamente e estão sujeitos a constantes reinterpretações de acordo com as diferentes experiências. Ele pode predizer seu próprio comportamento ocorre. ( É interessante fazer um parênteses aqui. Esse indicador da escala, onde o processo já está avançado, se refere de forma muito semelhante às condições de previsão para a ciência. Tal fato vem, de certa forma, corroborar as nossas suposições anteriores de que o indivíduo, durante a terapia, passaria a ter uma atitude diante de si mesmo muito semelhante àquele que o cientista tem diante de seu objeto de estudo ).

2. O cliente explorará vigorosamente o significado de seus novos construtos, fazendo mudanças quando apropriadas ou fazendo descobertas menores dentro do ponto de referência dos novos construtos. Essas descobertas menores podem ser acerca da experiência passada reinterpretada à luz dos novos construtos, ou podem ser um aprimoramento dos novos construtos à luz da presente experiência.

3. A rapidez das mudanças menores nos construtos indicam a flexibilidade dos construtos maiores presentes. Ele está aberto a constante reinterpretação e aprimoramento.

Como a escala deixa transparecer a evolução de uma rigidez a uma maior flexibilidade se torna evidente durante o processo.

Em pesquisas que esta escala foi usada, juntamente com outras, para medir o grau de processo em que o cliente se encontrava, suas medidas pareceram correlacionar de forma bastante significativa com os resultados da Psicoterapia.

No estudo com esquizofrênicos (6), em que a terapia era bem sucedida, os comportamentos mudaram de modo teoricamente significativo, na

direção de uma maior fidelidade aos sentimentos, maior consciência da essência das relações, maior uso das referências pessoais internas como base para a auto-compreensão e comportamento apropriado.

Um maior nível do processo do paciente estava positivamente associado com muitas medidas objetivas obtidas através das variáveis do resultado, isto é, diminuição da psicopatologia esquizofrênica, e nos sintomas, maior permanência fora do hospital, uma alta mais rápida, etc.

Embora estes instrumentos sejam ainda imperfeitos, os resultados alcançados tem sido bastante satisfatórios. Foi constatado (4), por exemplo, que a medida de uma auto-exploração, profunda, tomada na 2ª entrevista, correlaciona significativamente (ao nível de 1 por cento) com uma medida independente de mudança de personalidade no final da terapia, um, dois ou três anos mais tarde. A proximidade do cliente à sua experiência também mostra uma correlação similar, embora menos significativa (ao nível de 5 por cento) com a medida final da mudança. A maneira pela qual o cliente encara seus problemas na 2ª entrevista está similarmente relacionada (de novo ao nível de 5 por cento) ao grau de mudança que ele mostra através do período de terapia. Tais resultados podem significar que não estamos tão longe assim de determinar as leis que regem o processo terapêutico, assim como de podermos prever o resultado com base no nível do processo.

\* \* \*

## **BIBLIOGRAFIA**

1. HAYAKAWA, S.I. *A linguagem no pensamento e na ação*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1963 (tradução do inglês por Olívia Krahenbuhl).

2. KORZBSKY, A. *Science and anisty - the non - Aristotelian*. New York: Library Publishing Company, 1949.

3. LEWIN, K. *Psychologie dynamique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1964.

4. ROGERS, C.R. Toward a science of person. In: Wann (ed) *Behaviorism and fenomenology: constrasting bases for modern psychology*. Unvers of Chicago Press, 1964.109/140.

5. ROGERS, C.R. *Psicoterapia centrada en el cliente*. Buenos Aires: Paidon, 1966.

6. ROGERS, C.R. et al. *The therapeutic relationship and its impact - a study of psychotherapy with schizofrenics*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1967.